

III Encontro PIBID Teatro UFPel: desafios na afirmação de uma identidade docente em artes cênicas

*Patrícia Castro Cardona¹
Fernanda Vieira Fernandes²*

Introdução

De 16 a 19 de outubro de 2017 ocorreu em Pelotas/RS o VI Seminário PIBID-UFPel, com o tema “A docência na educação básica – construção da identidade profissional”, realizado pela Universidade Federal de Pelotas com apoio da 5ª CRE – Secretaria Estadual da Educação, juntamente com a CAPES e a Secretaria Municipal de Educação. O evento propôs reflexões acerca da docência, tais como a afirmação e o reconhecimento da identidade dos educadores, através de palestras, mesas temáticas com relatos de experiências e atividades realizadas diretamente nos cursos de licenciaturas da UFPel – sob responsabilidade dos subprojetos disciplinares do programa.

No presente artigo me detenho mais especificamente no III Encontro PIBID Teatro UFPel: a experiência do PIBID Teatro na formação do professor-artista-mediador, que compôs a mencionada programação do seminário. Serão relatadas aqui as ações propostas no encontro, analisando brevemente algumas indagações coletivas que surgiram e circundam os desafios na busca da afirmação da identidade profissional enquanto docente da área das artes cênicas.

III Encontro PIBID Teatro UFPel

O evento promovido pelo curso de Teatro-Licenciatura foi organizado pelos bolsistas do PIBID Teatro UFPel, juntamente com a coordenadora, Profa. Dra. Fernanda Vieira Fernandes, e as supervisoras, Profa. Maria

¹ Licencianda em Teatro na UFPel; Bolsista PIBID no subprojeto Teatro da UFPel; e-mail: paticastroca@gmail.com.

² Orientadora.

Fernanda Montagna, Profa. Angéli de Oliveira e Profa. Olívia Herreira. A realização deu-se no prédio dos cursos de Teatro e Dança no dia 18 de outubro de 2017.

Imagem 1: Cartaz do evento



Arte: Mario Celso Pereira Junior

Na abertura, apresentamos o exercício de cenas teatrais *Shakespeare? Presente!*, uma construção coletiva do grupo que trabalhou com três cenas de peças de William Shakespeare, cujos temas podem ser relacionados à atualidade. O projeto circulou por quatro escolas de Pelotas e, após cada sessão, propúnhamos uma roda de conversa com os espectadores (professores, alunos do ensino médio e anos finais do ensino fundamental). A iniciativa trouxe a reflexão sobre a experiência do docente-artista-mediador, que pôde ser compartilhada com os colegas da licenciatura em Teatro na ocasião do encontro relatado neste texto. Outros temas ainda foram debatidos entre bolsistas PIBID e demais licenciandos, tais como a possibilidade da interrupção do programa, a sua função dentro da universidade, o trabalho desenvolvido pelos bolsistas dentro das escolas, a importância de programas como esse na formação de professores e as suas contribuições para com a educação pública, além de problematizar questões a respeito da pre-

CARDONA, P. C. • III Encontro PIBID Teatro UFPel: desafios na afirmação de uma identidade docente em artes cênicas

carização do ensino público brasileiro, desvalorização de professores e falta de incentivo ao ensino da educação artística nas escolas.

Imagens 2 e 3: Apresentação de *Shakespeare? Presente!* e roda de conversa com colegas



Fotos: Fernanda Vieira Fernandes

Na sequência, realizamos uma oficina de jogos e atividades, selecionadas entre as dinâmicas que vivenciamos em 2017 pelo PIBID, sempre com o foco no debate da profissão docente-artista. A primeira dinâmica

consistia em um jogo no qual separamos os participantes do evento em dois grupos e, dentro desses grupos, determinamos personagens aos integrantes. Assumindo essas personagens, eles teriam que posicionar-se diante de uma situação, também proposta pelos bolsistas. A primeira tratava-se de um debate sobre a greve nas escolas públicas com as seguintes personagens: professor(a) adepto à greve, professor(a) contra a greve, diretor(a) da escola, aluno(a) do grêmio estudantil, representante do sindicato dos professores, responsável de aluno(a) a favor da greve e responsável de aluno(a) contra a greve. A segunda situação trazia a problemática do professor de teatro que, ao ingressar na escola, se depara com a imposição da direção e dos responsáveis pelos alunos de montar uma “pecinha” para apresentar algo nos eventos anuais, com os personagens: professor(a) de teatro contra apresentação, diretor(a) da escola que exige apresentação, aluno(a) que não quer se apresentar, responsável que quer que o(a) filho(a) se apresente, professor(a) de outra disciplina que quer assistir à apresentação e aluno(a) que quer se apresentar. A ação trouxe debates polêmicos porque todos ali representavam personagens e por vezes tinham que se posicionar a favor do que, enquanto sujeitos, seriam desfavoráveis.

Imagens 4 e 5: Grupos na realização das dinâmicas



Fotos: Fernanda Vieira Fernandes

O segundo jogo não necessitava da apropriação de personagens, porém propunha que os participantes partilhassem, anonimamente, seus medos acerca da docência em pequenos pedaços de papel, que depois foram misturados em um saco e sorteados para leitura e debate na roda.

As duas dinâmicas serviram de estímulo pra inúmeras problematizações, além de favorecer o compartilhamento entre alunos e professores que

participaram das rodas de conversa, dialogando sobre diferentes pontos de vista e proporcionando, assim, horizontes mais amplos com reflexões mais profundas.

No primeiro jogo, as duas rodadas foram produtivas e, devido ao tom irônico e absurdo de algumas personagens, tomaram um ar cômico em certos momentos. Na situação retratando a greve, a discussão se estendeu, por ser uma temática muito ampla e trazer personagens com diversas visões, sempre favorecendo seus interesses, como, por exemplo, os “responsáveis pelos alunos” – principalmente dos formandos do ensino médio – que, em sua maioria, se posicionam contrários à greve, alegando que o professor, ao aderir às paralisações, estaria agindo de forma egoísta e prejudicando os alunos que, pelo atraso na conclusão do ano letivo, ficariam impossibilitados de ingressar nas universidades. Alguns “alunos do ensino fundamental” se posicionaram favoráveis à greve, uma vez que, devido à sua imaturidade, encaram o período sem aulas como férias, sem levar em conta a reposição dessas aulas. A “direção” encarou a situação com ambiguidade, pois, enquanto alguns professores aderem e outros não, os alunos seguem frequentando a escola em virtude de uma ou duas disciplinas. Os responsáveis pressionam a escola, exigindo um retorno, e a comunidade, influenciada pelas notícias distorcidas pela mídia, propaga informações incorretas a respeito da greve. O governo, grande causador do problema por sua má gestão, tenta permanecer neutro, enquanto tenta driblar as manifestações dos professores e estudantes, controlando boa parte dos meios de comunicação, fazendo com que a população se levante contra o movimento docente e banalize suas reivindicações.

Na situação que retratava a imposição da montagem de uma peça teatral para apresentar na escola, entramos na problemática da desvalorização do profissional de teatro, uma vez que todo seu trabalho de alfabetização teatral dentro da escola é invisibilizado e, muitas vezes, sufocado pela necessidade que a comunidade escolar constrói de assistir a apresentações em eventos anuais. Isso pode levar os alunos a traumas devido à exposição precoce, bem como a frustrações por desempenhos abaixo das expectativas, além de incitar o exibicionismo e a competitividade por papéis ditos “mais importantes” que outros. Assim como a situação da greve, esta trouxe diferentes pontos de vista, retratando a angústia do “professor” perante as cobranças da “direção” e dos “responsáveis”, entrando no dilema de satisfazer os caprichos alheios, mantendo seu emprego e uma boa convi-

vência dentro do trabalho, ou consolidar sua posição contrária, defendendo seu método de ensino e valorizando a aprendizagem dos alunos.

O grande nó estava diretamente ligado à fronteira entre cobrança de um resultado artístico a ser apresentado dentro de um prazo bastante curto e uma proposta pedagógica de ensino de teatro que anda na contramão de prazos estabelecidos. O medo do fracasso em relação ao resultado estava presente. Seria hipócrita não assumir o medo de arriscar tudo num ideal educativo e perder meu emprego, mas seria ainda mais hipócrita de minha parte ceder aos apelos de um espetáculo fácil e cair no velho molde estereotipado pronto, da distribuição de papéis de acordo com a meritocracia ou, pior ainda, elegendo os mais “talentosos” para os papéis principais e deixando aos tímidos os papéis como o da “porta”, da “árvore” ou o da “pedra” (CASTILHO, 2013, p. 67-68).

Por outro lado, tínhamos a “direção” sucumbindo à pressão dos “responsáveis”, que alegavam que as aulas de teatro servem unicamente para elaborar espetáculos, propagando a ideia de que, se não acontece a montagem de peças, o professor de teatro não está fazendo seu trabalho corretamente. Junto à “direção”, entraram os “professores de outras disciplinas”, que afirmavam que o teatro dentro da escola tem única e exclusivamente o papel de auxiliar na aprendizagem de outras disciplinas consideradas mais úteis na vida do aluno.

Os “alunos” também entraram em conflito, quando um, mais extrovertido e inclinado para o âmbito teatral queria subir ao palco e outro, mais introspectivo, refutava a ideia de estar em cena publicamente. Nesse caso, ambos podem sair prejudicados, uma vez que se encontram em um processo de teatralização e descobertas de autoconhecimento.

Todos os alunos, independentemente de serem crianças, jovens ou adultos, em qualquer que seja a instituição em que estejam inseridos, independente de cor, classe social ou credo, possuem o mesmo direito de vivenciar um processo teatral de forma ética e responsável. O papel do professor, então, não deveria ser diferente pelo fato dele atuar em uma escola pública ou privada. As condições de trabalho podem contribuir de forma positiva ou negativa no andamento do processo, mas nunca deveriam determinar o comprometimento do educador com uma proposta pedagógica, ética e democrática (CASTILHO, 2013, p. 75).

O último jogo proposto no encontro, que trabalhava com o compartilhamento dos medos acerca da docência especificamente no teatro, veio a calhar no encerramento da oficina, pois criou uma atmosfera de esclarecimentos, sanando algumas indagações surgidas durante a semana do evento. Por estarem presentes professores e alunos de diferentes semestres, a partilha dos medos e dos conhecimentos tornou-se bem mais rica do que o

esperado. Um dos medos mais comuns no grupo foi a questão da instabilidade financeira, uma vez que, como professores-artistas, não temos a garantia de que, após formados, teremos um espaço no mercado de trabalho – são constantes as tentativas da remoção das disciplinas de artes (em especial teatro, dança e música) nas escolas públicas, bem como a desvalorização do profissional de teatro.

Outro medo mencionado era o de não ser capaz de conduzir a turma e ter o respeito dos alunos, pelo fato do estereótipo do professor de teatro que adota uma postura mais leve e menos formal. No momento da leitura, percebemos que a maioria dos medos eram semelhantes, e o fato de estabelecer um ambiente favorável ao diálogo fez com que, mesmo que o intuito fosse partilhar de forma anônima, os participantes se sentissem à vontade para externar seus sentimentos assumidamente e problematizar as razões que os condicionaram a construí-los.

Considerações finais

Eventos como esse seminário e encontro são indispensáveis dentro das nossas vivências acadêmicas, uma vez que representam momentos de comunhão, nos quais partilhamos experiências e apreendemos conhecimentos que, às vezes, se encontram fora do nosso campo de visão, além das propostas de reflexão que nos tiram da nossa zona de conforto estimulando um pensamento crítico. O fato de reservarmos um dia para a realização de atividades desenvolvidas diretamente com o curso nos aproximou como pibidianos do restante dos licenciandos e favoreceu a troca de vivências dentro da nossa licenciatura em teatro.

A importância da afirmação da identidade docente não deve ser resumida a uma semana de evento, mas, sim, deve ocorrer durante toda a formação das licenciaturas, para que possamos implantar uma política de valorização justa da profissão docente, levando em conta a pluralidade de pensamentos, culturas e estilo.

É preciso entender o conceito de identidade docente como uma realidade que evolui e se desenvolve, tanto pessoal como coletivamente. A identidade não é algo que se possui, mas sim algo que se desenvolve durante a vida. A identidade não é um atributo fixo para uma pessoa, e sim um fenômeno relacional. O desenvolvimento da identidade acontece no terreno do inter-subjetivo e se caracteriza como um processo evolutivo, um processo de interpretação de si mesmo como pessoa dentro de um determinado contexto (MARCELO, 2009).

Ao atuar na rede pública, o docente se depara com barreiras imensuráveis: alunos com necessidades especiais em escolas que não têm a devida preparação, comunidades violentas, falta de material didático e impossibilidade de explorar novos horizontes, atrelado a algumas metodologias ultrapassadas, bem como a falta de liberdade de expressão.

O licenciando em teatro deve ter desde o início de sua formação a certeza de que, sim, essa será sua profissão e que ela é tão digna quanto as demais. O seu trabalho como professor de teatro, embora possa auxiliar de modo eficiente, não deve e não vai servir como ferramenta de aprendizagem a outras disciplinas, bem como não será utilizado para promover o ego dos responsáveis dos alunos e da direção das escolas através de espetáculos elaborados sob pressão. Os licenciandos em teatro, sem dúvida, se identificaram com as reflexões constituídas pela temática do evento e, embora tenhamos nos deparado com problematizações desanimadoras, como a questão da desvalorização da docência em geral e da docência em teatro, foi uma oportunidade de refletir acerca dessas questões e desenvolver juntos ideias para a construção, mesmo que aos poucos, de um sistema educacional mais livre e igualitário, que possa acolher a todos, sem distinção alguma.

Referências

CASTILHO, Maureen Silveira Mantovani de. O “nós” e os “nós” da construção coletiva em teatro na escola. In: FERREIRA, Taís; LEITE, Vanessa Caldeira; SILVEIRA, Fabiane Tejada da (orgs.). **Conversações sobre teatro e educação**. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2013.

MARCELO, Carlos. A identidade docente: constantes e desafios. In: **Formação docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/artigo/exibir/1/3/1>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

PIBID Teatro UFPel. Disponível em: <<http://pibidteatroufpel.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 09 mar. 2018.

PIBID UFPel. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/pibid/>>. Acesso em: 09 mar. 2018.